



RESENHA

BELA: ROMANCE DE ANA CRISTINA SILVA

Elisangela da Rocha STEINMETZ¹

Ana Cristina Silva, autora de catorze romances e de um livro de contos, é um nome de destaque entre as atuais escritoras portuguesas, venceu em 2017 o Prémio Fernando Namora com o romance *A noite Não é eterna* e recebeu, também, o Prémio Urbano Tavares Rodrigues pelo romance *O Rei do Monte Brasil*. Seu romance *Bela*, quinze anos após a primeira publicação, ganha agora uma nova edição pela editora Bertrand. Texto que, conforme nos aponta a escritora em nota final, foi em parte reescrito: “Mas se a admiração pela personagem se manteve, a minha forma de escrever não é a mesma, o que naturalmente suscitou a necessidade da reescrita de grande parte do romance.” (Silva, 2020, p.182). A escritora, construindo uma espécie de amálgama entre o imaginado e o conhecido, traz ao leitor um denso e belo retrato de Florbela Espanca, onde, entremeado com os matizes da ficção, a vida da autora e dos que a cercavam ganham uma existência vibrante. Assim, não só

1 Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e Doutoranda em Estudos Românicos e Portugueses pela Universidade Clássica de Lisboa (FLUL/UL). Endereço eletrônico: <lizestein@yahoo.com.br>.

a obra descortina essas personagens como acaba por revelar também o pensamento e o comportamento da época em que viveu Florbela.

Se compor uma personagem já constitui um ato de delicado e atencioso esmero, um trabalho instigante – visto que, as personagens são as figuras que sustentam e dão vida ao texto, prendendo ou não a atenção do leitor –, então, (re)criar uma figura bastante conhecida do imaginário daqueles que apreciam literatura, em especial, uma que, seja por conta da sua obra ou por sua trajetória de vida, despertou tanto a paixão, a admiração e o deslumbramento como provocou manifestações de despreço, representa um grande desafio. Acrescentar a isso todas as demais figuras, não pouco complexas, e os enredos que envolviam a todos, torna a feita da escritora digna de admiração, visto a arquitetura harmoniosa com que conjuga elementos de criação e aspectos biográficos. No entanto, no romance, a figura de Apeles não encontra uma representação tão marcante se comparado com outras personagens. Isso gera alguma surpresa, visto a indiscutível importância afetiva que ele teve na vida de Florbela, o texto mostra bem essa questão, mas não o coloca como uma figura de ação. Apeles permanece, quase sempre, na sombra da memória.

Quando o leitor abre as páginas do livro encontra inicialmente duas epígrafes muito sugestivas. Uma delas traz considerações acerca da quimera, que inegavelmente foi um elemento presente na produção florbeliana e, por certo, não menos presente na vida de Bela, que, se por um lado compôs versos iluminados à figura de um *Prince Charmant*, por outro, foi incansável, em quanto viveu, na sua busca por afeto. Casou três vezes. Construiu laços de amizade e de família, mesmo que isso, às vezes, fosse permeado por um jogo de sombras. A alma humana, a vida humana é sempre envolta por esse contraste entre claro e escuro, em distintas proporções. Ana Cristina Silva captura com maestria a essência dos prováveis conflitos, que bem pode ter sido, em parte, o coração pulsante da vida de Florbela, de João

Espanca, de Mariana, de Antónia e todas as demais personagens que vão surgindo ao longo da narrativa. O enredo narra, entre outros acontecimentos, a vida de Florbela desde o seu não convencional nascimento, fazendo dela uma filha bastarda, a sua criação pela madrasta, longe do aconchego materno que lhe foi tão cruelmente surrupiado, a sua infância onde precocemente a poesia manifestou-se como terreno sólido e forte de um modo de viver, até a sua vida adulta, os casamentos, a vida literária. Entre esses aspectos surgem na trama possibilidades que são sugeridas e mesmo constituídas entre a pulsação do que é a vida e o que é a arte.

O romance é organizado em sete capítulos que trazem como título um local e uma data diferente em cada um deles (por exemplo, III Vila Viçosa, Março de 1895). A partir do capítulo II são intercalados outros capítulos designados como “Interlúdio” e que seguem numerados do I ao VI, além de um capítulo final intitulado “Últimas memórias de Bela”. Assim, a obra possui ao todo catorze capítulos. Inicialmente temos o momento do suicídio de Bela. Acompanhamos os seus últimos gestos, o encontro do seu corpo já destituído de vida; para logo em seguida entrarmos no espaço da sua infância. Nos capítulos que tratam do nascimento e da infância da nossa protagonista, o leitor é convidado a mergulhar num universo de intrigas amorosas, um triângulo amoroso (Mariana Espanca, João Espanca e Antónia), que acaba por incidir fortemente no futuro da criança sonhadora e de olhos tristes, que descobre num piquenique uma paixão cúmplice que irá acompanhá-la até o fim da vida: a poesia.

João Espanca, pai de Florbela, surge nas páginas como um homem sedutor e um tanto brusco, que decide por uma espécie de capricho tomar por esposa a jovem Mariana, que lhe oferece certa resistência aos enleios da conquista. Porém, não tarda o surgimento de outra paixão na vida de João Espanca, que sob a desculpa da não concepção de filhos em seu matrimônio começa uma aventura amorosa com Antónia, jovem e enigmática ela será a mãe

de seus dois filhos: Florbela e Apeles. Florbela é retirada do leito da mãe no mesmo dia do seu nascimento e levada para a casa de Mariana e João Espanca, onde em raros momentos terá o conforto dos braços maternos, durante a amamentação, de resto será atendida pela madrinha (Mariana Espanca) com esmero no que toca as suas vestimentas e a sua educação. A educação de Bela será um bom pretexto para lhe expor a gestos áridos e até violentos, bofetadas e palavras cruéis tornam-se parte de uma rotina. O seu dia a dia encontrará mais alegria com a chegada do pequeno Apeles, que foi abandonado por Antónia em virtude de uma fuga amorosa com outro homem.

Bela será uma aluna de destaque, merecendo a atenção de sua professora, desde cedo tece seus primeiros versos que já impressionam. Também no ambiente escolar ela conhece o seu primeiro marido: Alberto Moutinho. A relação envolve um laço de amizade e tensão, acabando em divórcio; ao qual segue o casamento com António Guimarães, donde a exaltação da paixão será o fio condutor até a desilusão, agressão e novo divórcio. Ela, no entanto, é uma alma vibrante e continua sua peregrinação ao encontro do seu *Prince Charmant*, sem nunca alcançá-lo. O casamento com o médico Mário Lage, também, revela decepções e não tarda tornar-se cinzas. A situação emocional, bem como a saúde de Bela, agravasse com a notícia da morte de Apeles. Embora, vá vivenciar ainda alguns suspiros de amores interditos ou alegrar-se com a amizade de Guido Battelli com quem trabalha na edição de mais um livro de versos, ela não resistirá ao chamado, quase maternal, da morte e as suas promessas de alívio e conforto.

Todas as personagens desse romance são muito vívidas, em especial João Espanca, de modo que não apenas a figura de Florbela é apaixonante. As demais criaturas são igualmente bem desenhadas e integradas na trama de *Bela*. Num tempo em que a mulher deveria ficar subordinada às decisões do marido temos uma Henriqueta, também ela a

seduzir e a influenciar a família, ainda que outros não percebessem; temos Bela travando verdadeira batalha por uma causa considerada menor e pouco relevante e, às vezes, considerada inapropriada: a escrita. Causa essa que é uma busca por existência individual, por uma voz, voz que persiste num grito sufocado à espera de se libertar. Nos “Interlúdios”, narrados em primeira pessoa pela protagonista, ouvimos esse grito. Partilhamos das suas sensações, dos seus pensamentos, das suas reflexões. Nesses trechos, Bela revisita a sua infância, as suas experiências amorosas desde o primeiro amor por João e os seus últimos momentos de vida, incluindo planejar uma festa de aniversário que nunca aconteceria. Mais que um tempo e uma história, nessas passagens temos os sentimentos, as sensações e as impressões do espaço que ela percebe ocupar no mundo e o que desejava desfrutar, a sua luta é também por autoconhecimento, por entendimento e por resistir, ainda que através de tinta, numa existência onde o sangue se entrega a fatalidade, a morte.

Dessa maneira, intercalando os capítulos narrados por um narrador heterodiegético, que nos revela as personagens e um enredo desenhado de forma não linear, e aqueles capítulos designados por “Interlúdio”, onde a voz de Bela ecoa ainda sobre o mundo que está deixando, temos uma trama dinâmica, sensível, profunda e articulada com primoroso engenho que faz de *Bela* uma inebriante experiência literária, a altura daquela que tanto provocou paixões quanto se entregou a elas. Florbela encantou-nos com a sua obra. *Bela* encanta-nos, outra vez, na tinta de Ana Cristina Silva.

REFERÊNCIA

SILVA, Ana Cristina. *Bela*. Lisboa: Bertrand Editora, 2020.

Envio: Novembro de 2020

Aceite: Novembro de 2020